



O entre-lugar da vida/linguagem: a viagem lírica

Entre a estrada e a estrela, de José Inácio Vieira de Melo

Aleilton Fonseca*

O poeta José Inácio Vieira de Melo empreende em seu novo livro uma viagem lírica, conforme explicita o título, *Entre a estrada e a estrela* (2017). A obra fixa dois pontos de referência: um de partida/perspectiva, outro de chegada/êxtase, ambos dialeticamente reversíveis, como limites simbólicos de um itinerário cósmico. Tanto que o livro possui duas apresentações editoriais, como variantes: uma de capa clara, que evoca dia/estrada, e outra de capa escura, que evoca noite/estrela. São dois hemisférios líricos que se somam no Cosmo vislumbrado pelo poeta.

Nesse livro, poesia é viagem, perquirição, descoberta – movimento de cifração na oficina criativa, no entre-lugar existencial do poeta, vida/linguagem, em inter-relações e amálgamas mediadas pela percepção poética. Como destaca Thiago Amud, na primeira orelha, Vieira de Melo compõe uma “fantasia em dois movimentos”, ou diríamos que são dois poemas, com uma nítida marcação interna de ritmos, que se justapõem e se complementam, um sob o signo das sombras do dia, outro sob o signo das luzes da noite. Nessa trajetória, o que parece nítido se torna obscuro, já que é preciso compreender e reinventar. E o que parece obscuro se revela em sua nitidez ofuscante, na compreensão dos limites existenciais.

* Professor titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Se pensamos no poema de Charles Baudelaire “L’invitation au voyage”, consideramos que a viagem tem um caráter simbólico de busca e deslocamento do poeta num mundo dinâmico, para além do qual ele almeja projetar-se, em busca do êxtase lírico de uma plenitude que, no entanto, sabe ser impossível alcançar. Em Baudelaire, como demonstra Veras, a viagem funciona “como metáfora para o dinamismo da própria obra, que se caracteriza pelo movimento dialético de construção e desconstrução de seu próprio discurso” (p. 69).¹ Em Vieira de Melo, a viagem assume um duplo sentido: é movimento de instauração da linguagem e de posicionamento do sujeito lírico, perante o ato mesmo de existir em trânsito no universo.

O primeiro movimento da obra, intitulado “O mundo foi feito pra gente andar” (pp. 17-43), cumpre um exercício de busca e projeção do eu sobre a solidão e as pulsões pessoais, tendo como moldura a paisagem do mundo. O canto inicia-se com um emblemático verso de abertura: “Estou no mundo e o vento entra em minhas narinas” (p. 19). Podemos perceber que, para o eu lírico, estar vivo é manter-se num movimento de vir a ser contínuo, animado pelo ar que respira. Não se trata de um ar extático, mas do sopro de vida impelido pelo vento. O ar em movimento é o doador/mantenedor da vida. Viver é caminhar – e vice-versa. Não à toa, Vieira de Melo adota, em pórtico, uma evocação do poeta espanhol Antonio Machado: “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”. Aqui a viagem se atualiza pelo olhar e pelo corpo; e o poeta passeia nas distâncias das paisagens, tocando-as com os pés e as palavras. Assim, a poesia se instaura no andamento mesmo da linguagem e da vida, como se

¹ VERAS, Eduardo Horta Nassif. “A viagem como metáfora metapoética nas *Flores do mal*”. *Revista Estação Literária*, v. 10C, 2003, pp. 55-70. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10C-Art4.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2018.

materializa a música, sempre única, a cada nota atualizada, a partir dos sinais da partitura.

O título se torna o *leitmotiv* gerador e ecoará como contraponto e fuga em momentos de retomada do fôlego lírico, qual a lição de Edgar Allan Poe, na construção do célebre poema “The raven”. Para Vieira de Melo, o mundo das vivências e das palavras emblematiza-se no verso-*leitmotiv* que orienta seu percurso, ocorrendo dez vezes, ao longo do poema.

Assim, as partituras são acionadas pelo leitor, e a obra flui, tornando-se legível a viagem para além do tangível. O poeta fixa e reitera a consciência de sua pequenez e precariedade: “O que sinto que sou está perdido no mais vazio do vazio espaço” (p. 19).

Consciente de sua existência provisória e efêmera, o poeta sabe que se desloca na vida qual estrela cadente, cujo termo é o encantamento do haver sido o clarão rasante que se recolhe ao seio da noite. Daí os versos lapidares que fecham o primeiro movimento: “Flecha que atravessa o espaço, / um dia me encantarei” (p. 43).

O segundo movimento da obra, intitulado “Na esteira do infinito” (pp. 44-69), instaura-se sob o signo da noite, com suas luzes reveladoras de sentidos ocultos, mas que se tornam acessíveis à sensibilidade e à língua do poeta. De Zé Ramalho, a citação em pórtico: “O pensamento se consome / aonde a estrela não vai”. Por isso mesmo, há a necessidade visceral da busca. Trata-se de uma elevação ao infinito, por mediação da poesia. Aqui a viagem se atualiza pelo olhar e pela alma; e o poeta passeia nas distâncias incomensuráveis, tocando-as com o pensamento e as palavras. Tudo é projeção do ser no tempo contínuo e no espaço infinito. Sua posição é a de quem ergue as mãos e os olhos para o alto, buscando compreender, para sentir-se inserido como partícula de uma totalidade cósmica. Há,

aqui, numa referência velada ao *Gênesis* bíblico, uma interpretação lúdico-visual da instauração do *Fiat lux*, ou, se preferirmos, mais claramente, ao *big bang* da explosão que teria dado origem ao Universo, com o surgimento das dimensões de espaço e tempo:

De fora do caneco do Universo
estavam *galáxia, eras, vida*
e até mesmo o *mínimo*.

De fora do caneco do Universo
estava a *fala* e ainda não havia *aqui*.

Da primeva noite que nunca amanhecia
surgiu o *brilho*, primeira cria.
O pulsar da luz desencadeando estrelas,
desdobrando vidas nas coisas mínimas.

(p. 47)

A par de teorias e crenças, o poeta deseja escrever/inscrever sua própria teoria/poesia, encontrando, para si, a explicação que todos buscam incessantemente. Ele afirma, com convicção: “Agora, vou escrever a partir do primeiro átomo / até o sem fim de átomos de que se compõe o Universo” (p. 49). Sua viagem é também pesquisa/indagação sobre si, ao reconhecer-se partícula mínima desse Universo a que adora, de braços e palavras abertos, como a substância de um Deus-em-si-matéria: “Sou um elétron / dentro de um átomo de hidrogênio” (p. 50). Nessa perquirição, o poeta encontra o sentido de sua existência, como portador da palavra que diz o mundo:

Sou o cordeiro que veio fundar
uma constelação de signos.
Aboio bárbaro que ecoa no Vale de Josafá,
o arco da minha lira arremessa o girassol
e ele segue pelo Universo, sem medo,
flecha que atravessa o desconhecido.

Danço sobre a chama
e em meus olhos sorri o Infinito.

(p. 68)

O segundo movimento da obra é concluído com três versos que indicam o equilíbrio do triângulo relacional: eu lírico-estrada-estrela. A consciência de si no movimento circular do Universo é o lugar original, onde o poeta se faz princípio, meio e fim:

Bem aqui dentro,
no portal dos sonhos,
no altar dos tempos.

(p. 69)

José Inácio Vieira de Melo se inscreve, com este canto em dois movimentos, na tradição da viagem lírica. Todavia, para além da viagem do poeta moderno, seu movimento não é aquele de Blaise Cendrars, a bordo do trem siberiano, em busca da sensação da velocidade e de descoberta do mundo. Tampouco sua caminhada é aquela de *Zone*, de Guillaume Apollinaire, uma “promenade” em busca de re-conhecer as ruas de uma Paris modernizada e fervilhante. A experiência de Vieira de Melo é de natureza drummondiana, se

considerarmos o memorável poema “A máquina do mundo”, no qual, ao fim, o eu lírico recusa a epifania cósmica. Vieira de Melo não a recusa, pois prefere se expor ao peso e à gravidade das revelações.

Ele empreende a busca de sentidos como um ritual de reconhecimento de si, como parte ínfima de um Todo insondável: “Sou o pingo no *i* da Via Láctea / e meu canto é um grito exclamativo!” (p. 57). Assim, o canto do poeta ritualiza o seu *relegare* às tangências e dimensões do Universo, conectadas entre a estrada e a estrela, pontos que delimitam sua experiência e seu percurso, em busca da transcendência lírica.